

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

DICIONÁRIOS EM DISCURSO: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XXI

DICTIONARIES IN DISCOURSE: GENDER REPRESENTATIONS BETWEEN THE 19TH AND 21ST CENTURIES

Pedro Ivo Silveira Andretta – Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Angerlânia Rezende – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este estudo aborda as representações de gênero nos dicionários de língua portuguesa publicados entre os séculos XIX e XXI, considerando-os como dispositivos mediacionais que moldam e reproduzem sentidos socialmente compartilhados. O objetivo é discutir, de forma histórica, as representações de *homem* e *mulher* em dicionários de língua portuguesa que circularam no Brasil entre os séculos XIX, XX e XXI, em três obras lexicográficas de diferentes períodos: Dicionário da Língua Portuguesa (Silva, 1813), Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (Lima; Barroso, 1948) e Dicionário UNESP do português contemporâneo (Borba, 2004). A metodologia adotada ancora-se na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), permitindo identificar os regimes de informação e práticas discursivas subjacentes às definições, bem como as transformações históricas nas formas de representação de gênero. Os resultados indicam que os dicionários, longe de serem neutros, operam como artefatos ideológicos, reforçando estruturas de poder e desigualdade por meio da linguagem. As considerações finais destacam a importância de um olhar crítico da comunidade bibliotecária na mediação do acesso às obras de referência, defendendo práticas informacionais comprometidas com a inclusão, a equidade e a emancipação social.

Palavras-chave: representações de gênero; dicionários; análise do discurso.

Abstract: This study examines gender representations in Portuguese-language dictionaries published between the 19th and 21st centuries, considering them as devices that shape and reproduce shared meanings. The aim is to historically discuss representations of man and woman in dictionaries circulated in Brazil across three periods, through analysis of works: Dicionário da Língua Portuguesa (Silva, 1813), Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (Lima & Barroso, 1948), and the Dicionário UNESP do português contemporâneo (Borba, 2004). The methodology, grounded in Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2001), allows identification of underlying regimes and discursive practices in definitions, as historical transformations in gender representation. Findings suggest dictionaries far from neutral; they function as ideological artifacts reinforcing structures of power and inequality through language. The considerations emphasize the importance of a critical perspective among librarians mediating access to reference works, advocating practices grounded in inclusion, equity, and empowerment.

Keywords: Gender representations; dictionaries; discourse analysis.

1 INTRODUÇÃO

Gênero, história e poder constituem os eixos teórico-conceituais que orientam o presente estudo. É nesse entrelaçamento de termos que se propõe uma análise crítica, que tensiona, de um lado, uma discussão relevante para a comunidade bibliotecária — ao problematizar um item de *referência* amplamente utilizado nas bibliotecas — e, de outro, uma reflexão voltada aos interessados nas questões de gênero, lançando a questão de pesquisa: Quais as representações de gênero inscritas em dicionários de língua portuguesa? Dessa forma, a análise aborda as construções do *ser homem* e do *ser mulher* entre os séculos XIX e XXI, buscando revelar as implicações discursivas presentes na linguagem e na informação.

Visa-se, ainda, situar e ressignificar o papel dos profissionais da informação frente ao embate histórico de múltiplos poderes que inscrevem sentidos sobre: a questão de gênero e como esses sentidos são fixados nos dicionários; a natureza linguística e histórica dos textos; a opacidade da língua e a materialização do discurso; e a forma como os dispositivos e regimes de informação funcionam em relação às práticas e dinâmicas culturais, sociais e econômicas.

Posto de outra maneira, este estudo tem como objetivo discutir, de forma histórica, as representações de *homem* e *mulher* em dicionários de língua portuguesa que circularam no Brasil entre os séculos XIX, XX e XXI, identificando as transformações nos regimes de informação e nas práticas discursivas de cada época por meio dos usos da língua. Amparados pela Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001) e por aspectos da História dos Gêneros, buscamos reforçar que não há neutralidade nos textos, nem mesmo nos dicionários. Por isso, a atuação das comunidades bibliotecárias, enquanto agentes de mediação cultural, deve estar atenta aos sentidos atribuídos às obras de suas coleções, de modo a problematizar as práticas biblioteconômicas.

Ademais, é preciso recordar também outros trabalhos importantes que tangenciam e atravessam nosso estudo. Sobre a temática geral, vamos assim propor, *a questão de gênero e linguagem*, destacamos os trabalhos de Caldas-Coulthard (2007), que debate as mudanças linguísticas nas práticas sociais e suas implicações ideológicas; de Pedro (2005), que historiciza as categorias *homem*, *mulher*, *gênero* e *sexo* por meio de um diálogo com a história dos movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas; e de Magalhães (2009), que examina discursos históricos de gênero no Brasil, demonstrando que as práticas sociais

vivenciam um processo de mudança. São trabalhos importantes, cuja leitura sugerimos para complementar o debate delimitado e limitado deste estudo.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa é definida, quanto ao seu objetivo, como exploratório-descritivo, conforme a perspectiva de Minayo (2010), utilizando-se da análise documental, no que concerne ao uso dos dicionários como fonte de informação. Essa classificação se justifica pelo intento de levantar e descrever representações de gênero em dicionários de língua portuguesa que circularam no Brasil entre os séculos XIX, XX e XXI, identificando as transformações nos regimes de informação e nas práticas discursivas de cada época, por meio da linguagem.

No que se refere à abordagem metodológica, utilizou-se a análise do discurso de Norman Fairclough. A Análise Crítica do Discurso foi inaugurada por Norman Fairclough com a publicação de *Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis*, no *Journal of Pragmatics*, em 1985. O termo *análise crítica* foi utilizado como continuidade da *linguística crítica*, conceito empregado por Roger Fowler, Gunther Kress e Robert Hodge nos anos 1970, na Inglaterra.

A teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD) fundamenta-se em um arcabouço teórico integrando contribuições de diversos pensadores. Destacam-se as ideias de Antônio Gramsci e Louis Althusser, sobre a função da ideologia na reprodução social moderna; em seguida, as de Mikhail Bakhtin, sobre a relação entre os textos; as de Michel Pêcheux, sobre o discurso como materialização da ideologia; as de Michel Foucault, sobre o discurso como modo de poder; as de Anthony Giddens, sobre o poder ideológico e a relação bidirecional entre discurso e estrutura social; as de Jürgen Habermas, sobre o uso estratégico da linguagem em detrimento do uso comunicativo; e as de Michael Halliday, sobre o texto como unidade semântica e forma de interação.

A análise discursiva de Fairclough (2001) compreende a linguagem como imersa em seu contexto social. Ou seja, o uso linguístico está ligado aos processos sociais e culturais e, a partir da análise linguística, busca-se estudar a mudança social. Nessa abordagem, o estudo de questões linguístico-discursivas, por meio de uma compreensão tridimensional do discurso – que considera um evento discursivo como prática textual, discursiva e social simultaneamente –, pode revelar aspectos da vida social. Isso ocorre na medida em que os textos refletem relações e estruturas sociais, bem como posicionamentos ideológicos e

identitários, possibilitando, a quem os compreende, a emancipação e a resistência ao poder ideológico.

O discurso, nesta perspectiva teórica, é entendido “como o uso de linguagem como forma de prática social, e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (Fairclough, 2001, p. 90). Ele não apenas representa o mundo, mas também lhe dá significação, construindo e constituindo identidades sociais e posições de sujeito, relações sociais entre pessoas, além de sistemas de conhecimento e crenças. Há, nesse processo, uma relação dialética entre discurso (e práticas discursivas) e estrutura social (e práticas sociais), em que esta é, ao mesmo tempo, causa e efeito daquele. O discurso, assim, se apresenta e interage na sociedade sob diferentes gêneros discursivos.

O conceito de gênero discursivo é entendido por Fairclough (2001, p. 161) como:

[...] um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza, um tipo de atividade socialmente aprovada, como a conversa informal, a compra de produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema, um artigo científico [...] um gênero implica não somente um tipo particular de textos, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos.

Assim, considera-se que os gêneros do discurso são constituídos, sobretudo, por sua prática social, e que cada um possui uma função específica. Dito isso, este estudo se dedica a uma dessas formas: o dicionário. Sobre esse gênero, Verdelho (2003) afirma que ele expressa não apenas a evolução e cristalização das formas das palavras em sua variação e fixação fonética — aspecto de interesse dos sociolinguistas —, mas também os indicadores da moralidade pública e das transformações de ordem histórica e social, sendo útil aos analistas do discurso. Ainda segundo o autor: “Os dicionários são monumentos do mais valioso patrimônio de uma comunidade, são um testemunho privilegiado da memória linguística e uma fonte inexaurível de leitura estudiosa e reflexão metalinguística” (Verdelho, 2003, p. 413).

Além disso, diversas pesquisas compreendem o dicionário como um aparato voltado ao ensino. Dessa forma, o dicionário é um documento direcionado à educação e, portanto, “[...] uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (Foucault, 1996, p. 43-44). Ainda sobre o tema, é importante destacar que, segundo Weirinch (1979, p. 320 *apud* Damin, 2005, p. 27), “[...] a verdade dos dicionários [...] é uma verdade histórica. A verdade dos dicionários dos séculos XVII e XVIII é diferente da verdade dos dicionários nos séculos XIX”, pois:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Durante o século XIX surgiram novas tendências na lexicografia. Começou a tomar corpo a ideia do dicionário como documentação do uso da língua, ao invés de um guia para seu emprego. Assim, a língua passou a ser registrada segundo suas características verdadeiras e não as hipoteticamente ideais (Dicionário, 2005, p. 162).

A circulação de determinado gênero em uma situação específica, ou ainda a emergência de um texto em detrimento de outro, está relacionada à questão da hegemonia e da resistência e, portanto, à luta hegemônica. Compreende-se a linguagem – isto é, o discurso – como forma de agir no mundo. Nesse sentido, a Análise Crítica do Discurso propõe, ao mesmo tempo, uma teoria e um método de análise discursiva.

Na orientação teórico-metodológica da ACD, a linguagem é considerada uma prática social que tanto influencia quanto é influenciada pelas estruturas sociais. Os textos agem sobre a sociedade, e a sociedade age sobre os textos. Para isso, é necessário reconhecer que os indivíduos, ao produzirem e consumirem textos, não ativam apenas a dimensão cognitiva, mas também a dimensão sociocognitiva. Assim, o que está em jogo são posicionamentos de cunho ideológico.

O discurso, que opera por meio da ação dos indivíduos, pode tanto criar e reforçar quanto desafiar formas de conhecimento e crenças, relações sociais, identidades e posições sociais, exercendo funções que podem ser chamadas de identitária, relacional e ideacional. Sobre isso, Fairclough (2001, p. 92) explica:

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Os textos são materializações do discurso e, por isso, perpassados por relações de poder que guardam “traços e pistas de rotinas sociais complexas” (Meurer, 2005, p. 82). As formas de poder articulam-se, como já mencionado, com a ideologia. O poder e a ação da hegemonia, na contemporaneidade, exercem-se não só pela força, mas, sobretudo, pelo discurso. É no texto — e por meio das práticas discursivas — que se percebe e se atua sobre as práticas sociais, no jogo entre hegemonia e ideologia. Para Fairclough (2001, p. 122), hegemonia é:

[...] liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade [e] foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/ subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas.

Nesse sentido, o teórico propõe que a produção, distribuição, circulação e consumo de textos, bem como sua reprodução e transformação, sejam compreendidos como ação da luta hegemônica. Sobre os procedimentos práticos para a realização da ACD, Fairclough (2001, p. 275) afirma que “[...] não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”.

Entretanto, é necessário, como mencionado anteriormente, que o analista trabalhe com três dimensões: a textual, a discursiva e a social. A partir delas, o analista deve descrever, interpretar e explicar o texto. Em um primeiro momento, descreve-se o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual; em seguida, a força dos atos de fala (se promessa, pedido, ameaça etc.), a coerência, a intertextualidade e o *ethos*; por fim, analisam-se as relações políticas, econômicas, religiosas etc. que possibilitaram e influenciaram a emergência do texto.

Com base no exposto, neste estudo foram selecionados três pares de verbetes da língua portuguesa que conceituam os usos e significações dos termos *homem* e *mulher*. Cada par é oriundo de um dicionário cuja emergência e circulação ocorreram na Idade Contemporânea: um no início do século XIX, outro na metade do século XX e o último no início do século XXI.

- a) SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em:
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/562936>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- b) LIMA, Hildebrando; BARROSO, Gustavo. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Bahia: Civilização brasileira, 1948.
- c) BORBA, Francisco da Silva (org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

3 ANÁLISE DAS PRÁTICAS TEXTUAIS, DISCURSIVAS E SOCIAIS

Os verbetes dos dicionários analisados foram extraídos de obras produzidas em três períodos históricos distintos, elaboradas por diferentes instituições. Cada uma dessas publicações reflete uma determinada historicidade e condições específicas de emergência. Tais dicionários também circularam no Brasil e podem ser encontrados em bibliotecas, onde são classificados como obras de referência. Essa última observação é importante, pois revela

uma aceitação social desses textos, que são marcados, de alguma maneira, pelos sujeitos que os produziram e, assim, por uma influência ideológica própria do contexto hegemônico vigente.

À primeira vista, é possível notar que houve uma transformação na grafia das palavras do século XIX para os séculos XX e XXI, relacionada a mudanças nas convenções ortográficas. Não é o objetivo deste estudo discorrer sobre as adaptações ortográficas; contudo, não se descarta que elas possam ser analisadas discursivamente, à medida que nelas estão implícitos interesses políticos, como, por exemplo, o de diferenciar uma língua da outra como sinal de hegemonia política e cultural.

A análise discursiva que se seguirá será pautada na descrição, interpretação e explicação do texto, com ênfase em seu conteúdo e na relação com a representação dos gêneros. Dessa forma, a questão da variação da forma significativa será deixada de lado, em favor da variação do significado.

A variação dos significados ou sentidos de um termo dicionarizado é compreendida aqui como resultante das diferentes formações discursivas que atravessam o referente, configurando, de maneira geral, os discursos. Assim, as conceituações dos verbetes refletem as práticas sociais de uma época, a partir das práticas discursivas e textuais nela inscritas.

3.1 As representações de gênero no século XIX

O primeiro texto (Silva, 1813) foi produzido em Portugal, na primeira metade do século XIX, período em que vigoravam a monarquia, o catolicismo e uma organização social dividida entre *nobreza* e *burguesia*, identificadas, respectivamente, pelas expressões: *Homem-del-Rei* (vassalo), *Homem de Deus* (santo), *Homem bom* (nobre) e *Homem de rua* (burguês). Já se observa aqui a influência das ideias iluministas, como se pode ler na seguinte definição: *HOMÉM, s.m. Indivíduo da espécie humana, dotado de corpo orgânico e alma racional imortal, capaz de aperfeiçoar as suas faculdades por estudo, observação ou ensino*. Ainda sobre esse texto, é notável a diferença qualitativa na descrição do uso e da significação do par *homem* e *mulher*. O primeiro termo é extenso e detalhado, enquanto o segundo é breve e pontual: *MULHÉR, s.f. Fêmea da espécie humana”, podendo aparecer em dois contextos: o de matrona (esposa) ou o de do mundo ou de partido (prostituta)*.

O controle do dizer, presente nas expressões *indivíduo da espécie humana* e *fêmea da espécie humana*, pode indicar, ainda que a definição do termo *homem* fosse generalizável aos

dois gêneros, haveria uma tentativa de distinção. Isso sugere que o *homem* seria algo diferente dos outros animais, geralmente diferenciados por *macho* e *fêmea*. Aqui, o *homem* não é apenas o macho da espécie humana, mas um *indivíduo*. No Quadro 1, pode ser vista essa definição de ambos os gêneros apresentados por Silva (1813).

Quadro 1 – Representação do gênero homem e mulher

Definição do gênero homem	Definição do gênero mulher
<p>HOMEM, s. m. Indivíduo da especie humana, dotado de corpo organico, e alma racional imortal, capaz de apertear as suas faculdades por estudo, e observação, ou ensino. §. <i>Ter homem</i>; i. é, protector, que auxilia com favor, ou fazenda. §. <i>Homem del-Rei</i>; i. é, seu Vassallo. <i>M. Lus.</i> §. <i>Homem de Deus</i>; santo, virtuoso. §. Chamamos <i>nosso homem</i> ao sujeito, que achamos digno de louvor; e do contrario dizemos, que <i>não é o nosso homem</i>. <i>Sd Mir. Estrang.</i> f. 170. §. <i>Homem d'armas</i>; o que ia á guerra armado de todas as peças d'armas, e de ordinario a cavallo; donde vem que talvez se contapôi a gente de pé, ou pões. <i>V. Ord. Af. L. V. T. 87.</i> §. 3. "seendo já <i>homões d'armas</i>:" e "dizem que querem ter armez, e põem-se (alistão-se) por <i>homões d'armas</i>, nom havendo pera ello conthia (não tendo bens para as manter.)" <i>Ord. Af. 1. f. 420.</i> §. <i>Homem de sua pessoa</i>, dizião ser o que tinha esforço, e valor pessoal. <i>B. 1. 8. 10.</i> "Timoja... era capitão mór, havido por <i>homem de sua pessoa</i>:" e <i>freg.</i> §. Opposto á gente da marieação nos navios de guerra. <i>V. Armas. Couto, 9. c. 20.</i> §. É um <i>bonum</i>; i. é, valente. §. <i>Homem</i>, sem artigo, por nenhum homem: v. g. <i>não sabe homem como se ha de livrar das ciladas dos mds.</i> <i>V. Ined. 3. pag. 6.</i> onde se toma por aquelle que falla de si; e as mulheres tambem o dizem por si. <i>B. Clarim. 2. c. 22. ult. edic. pag. 227.</i> (diz <i>Artia donzella</i>) <i>qualquer coisa que ho-</i></p> <p><i>mem por elle fizer</i>: e a pag. 230. onde vê o <i>homem</i>, com o artigo de mais. <i>Ha-os homem de trazer nos amores assí mornos.</i> <i>Cam. Anfir. 1. sc. 2. Filod. 2. sc. 5. Ferr. Com. f. 24. e 31. ult. ed. Ulisipo, Com. f. 38. f. 118. e 191. Eufr. 1. sc. 3. para subir fica homem mais ligeiro</i>: i. é, um homem. <i>Cam. Egl. 1.</i> Estes modos de fallar são reliquias do Francez, que nos ficarão. <i>V. o art. Hom.</i> §. <i>Homem de alguem</i>: v. g. "é meu homem": meu servidor, criado. §. <i>E o meu homem</i>: o meu valedor, o que eu tenho por excellente. §. <i>Homem de rua</i>, ant. o que vivia nas Cidades, cidadão, burguez, ruão. §. <i>Homem bom</i>; de bom; ãdalgo, nobre. <i>Nobiltar. f. 69. hum homem bom irmão del-Rei d' Inglaterra.</i></p>	<p>MULHER, s. f. Fêmea da especie humana. §. <i>Mãiona</i>, opposto a <i>marido</i>. §. <i>Mulher do mundo</i>: meretriz. <i>Eufr. 1. 3.</i> <i>Mulher de partido</i>; o mesmo. <i>Costa, Terenc.</i></p>

Fonte: Silva (1813).

Vê-se, nessa amostra, indícios do poder ideológico e hegemônico existentes no período de emergência do texto, expressos pela voz do *ethos* que descreve os termos, investindo-se de um posicionamento ao mesmo tempo elitista, católico/cristão e patriarcal.

Nesse caso, as representações de gênero no século XIX se organizam segundo o seguinte arranjo:

- a) Homem: um indivíduo que pode ser *bom* se pertencer à nobreza; um *ruão* se burguês; das armas, se não possui *bens para se manter*; e *de Deus*, se santo ou virtuoso.
- b) Mulher: a fêmea da espécie humana, que é esposa ou prostituta.

3.2 As representações de gênero no século XX

O segundo texto (Lima; Barroso, 1948) foi publicado no Brasil, sob o regime republicano, durante o período da ditadura de Getúlio Vargas, anterior ao movimento feminista iniciado nos Estados Unidos na década de 1960. Nesse texto, há uma definição de *homem* mais científica: *Animal racional, bípede e mamífero que ocupa o primeiro lugar na escala zoológica*, além de outra, de caráter sociológico, marcada pela emergência da expressão *marginal*, com a seguinte significação: *indivíduo que vive em duas culturas em conflito, ou que, tendo-se desprendido de uma cultura, não se integrou completamente em outra, ficando à margem das duas culturas*. Tal definição evidencia o desenvolvimento das ciências biológicas e humanas nesse período. Essa definição pode ser vista no Quadro 2.

Quadro 2- Representação do gênero homem e mulher (Lima; Barroso, 1948)

Definição do gênero homem	Definição do gênero mulher
<p>Homem, s. m. Animal racional, bípede e mamífero, que ocupa o primeiro lugar na escala zoológica; ser humano; a humanidade; pessoa adulta do sexo masculino; (fam.) marido ou amante; soldado, operário; indivíduo corajoso. (Aum.: <i>homensarrão</i>; dimin.: <i>homensinho</i>, <i>homínculo</i>); — <i>marginal</i> (Sociol.): indivíduo que vive em duas culturas em conflito, ou que, tendo-se desprendido de uma cultura, não se integrou completamente em outra, ficando à margem das duas culturas; — <i>de palha</i> (Bras.): <i>Judas de sábado de Aleluia</i>; indivíduo que faz as vezes de outro: o mesmo que <i>testa-de-ferro</i>.</p>	<p>Mulher, s. f. Pessoa do sexo feminino, depois da puberdade; esposa (aum.: <i>mulherão</i>, <i>mulheraça</i>, <i>mulherona</i>); — <i>-da-toa</i> (Bras.), — <i>-dama</i> (Bras., Norte), — <i>-da-rua</i> ou — <i>-da-vida</i> (Bras.) — <i>de má nota</i>, — <i>-de-porta-de-rua</i> (Bras., Norte). — <i>errada</i>, — <i>perdida</i>, — <i>-solteira</i> (Bras., Ceará) — <i>-tadia</i> (Bras.); prostituta.</p>

Fonte: Lima e Barroso (1948).

Este texto se distingue do anterior à medida que não apresenta influências monárquicas, e a marca do catolicismo/cristianismo aparece de forma sutil — como no caso do *homem de palha*, identificado com o *Judas do Sábado de Aleluia*. O termo *homem* passa a ser utilizado também para referir-se ao *ser humano* e à *humanidade*. O termo *homem* ganha novos significados, sendo relacionado a figuras como o marido, o amante, o soldado e o operário. Reflexo, talvez, do desenvolvimento do Direito (com a fundação da Ordem dos

Advogados do Brasil e a promulgação dos direitos dos trabalhadores) e das Grandes Guerras Mundiais.

Nota-se, ainda, uma inovação quanto à questão da identificação sexual: *homem* é definido como *pessoa adulta do sexo masculino*, enquanto *mulher* é definida como *pessoa do sexo feminino, depois da puberdade*. Há, entretanto, um efeito de memória em relação ao primeiro texto quanto aos contextos de uso do termo *mulher*, que ainda é associada apenas a dois papéis: esposa ou prostituta. Observa-se também um deslocamento semântico: se, no século XIX, existia a expressão *homem-de-rua*, referindo-se ao burguês, no século XX surge a *mulher-de-rua* como sinônimo de prostituta.

Nessa amostra, o poder ideológico e hegemônico se manifesta na descrição dos termos, por meio da voz do *ethos* que adota uma ideologia ao mesmo tempo *científica* e, em certo grau, ainda *patriarcal*, pelo apagamento de outras possíveis posições sociais assumidas pelas mulheres. Nesse caso, as representações de gênero no século XX se estruturam da seguinte forma:

- a) Homem: pessoa adulta do sexo masculino que pode ser marido, amante, soldado ou operário;
- b) Mulher: pessoa do sexo feminino, depois da puberdade, que pode ser ou esposa ou prostituta.

3.3 As representações de gênero no século XXI

O terceiro texto (Borba, 2004) foi produzido no Brasil, sob o regime republicano e democrático do início do século XXI, por uma instituição universitária pública. Nesse verbete, observa-se uma preocupação em distinguir os vários sentidos do termo *homem*, que pode ser utilizado para referir-se a pessoas de ambos os gêneros. Ou seja, o termo pode designar o ser humano em geral, o indivíduo da espécie humana, a pessoa, a criatura de Deus, a humanidade ou ainda o ser humano considerado do ponto de vista físico ou como representante de determinada região ou época, como pode ser visto no Quadro 3.

A maneira como os usos de *homem* e *mulher* são apresentados neste texto busca demonstrar certa simetria. Se o primeiro é definido como *o ser humano do sexo masculino em idade adulta, marido ou amante e pessoa de responsabilidade numa empresa; autoridade*, a segunda é descrita como *adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça, esposa, parceira sexual do homem e aquela que apresenta os requisitos para um determinado*

empreendimento ou encargo. Sobre essa última definição, é dado o exemplo: *Josefa é uma mulher de negócios.* Essas correspondências indicam uma mudança em relação às práticas discursivas anteriores, o que implica, também, uma mudança social no papel da mulher. Como se pode perceber na descrição, *parceira sexual do homem*, acena-se para a presença da heteronormatividade e, com isso, para os preconceitos da época. Em meio a tantas novas significações, a *mulher* como *prostituta* perde espaço e passa a adquirir um novo sentido: *aquela que reúne as qualidades e sentimentos femininos*, que também acena para um padrão normativo.

Quadro 3 - Representação do gênero homem e mulher (Borba, 2004)

Definição do gênero homem	Definição do gênero mulher
<p>HOMEM ho-mem Sm 1 ser humano em geral; indivíduo da espécie humana: <i>A mentira não é apenas um mal do homem, a mentira em si é uma doença grave.</i> 2 a humanidade: <i>Quantos crimes não se cometem contra o homem?</i> 3 o ser humano como criatura de Deus, com dualidade de corpo e espírito e com as virtudes e fraquezas daí decorrentes; ser mortal: <i>Tudo está aí acontecendo, parece que de propósito para mostrar a fragilidade do homem.</i> 4 o ser humano considerado do ponto de vista físico ou como representativo de determinada região ou época: <i>Tarzan sempre foi o homem das selvas. O homem da Idade Média vivia nas trevas da ignorância.</i> 5 ser humano do sexo masculino: <i>O chamado concubinato é uma sociedade conjugal de fato entre homem e mulher.</i> 6 o ser humano do sexo masculino em idade adulta; homem feito: <i>Agora vejo que você é um homem, pela maneira como está enfrentando as dificuldades da vida.</i> 7 marido ou amante: <i>Ficou furiosa quando encontrou seu homem em companhia de outra.</i> 8 aquele que executa fielmente as ordens de alguém: <i>Os proprietários rurais eram chamados "grileiros" pelos homens do governo.</i> 9 pessoa de responsabilidade numa empresa; autoridade: <i>Juventino é o segundo homem na hierarquia do banco.</i> 10 pessoa; criatura: <i>Sou um homem pacato.</i> 11 profissional do sexo masculino: <i>Cerca de 3.000 homens, entre policiais civis e militares e bombeiros, vão trabalhar na orla marítima durante o reveillon.</i> 12 soldado: <i>um exército de 8 000 homens</i> Adj 13 macho; corajoso: <i>Na hora de enfrentar os bandidos, quase sempre armados, não é bom ser muito homem.</i> ► de h. para h. com franqueza; com sinceridade: <i>O militante irá a todos os vilarejos, falar de homem para homem, de coração para coração.</i></p>	<p>MULHER mu-her Sf 1 ser humano do sexo feminino: <i>Está nascendo mais mulher do que homem.</i> 2 esse ser humano considerado como parcela da humanidade: <i>A sociedade atual ainda discrimina a mulher.</i> 3 adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça: <i>Não me chamem de menina, já sou uma mulher.</i> 4 esposa: <i>Marido e mulher devem comparecer à reunião.</i> 5 parceira sexual do homem: <i>O viajante tinha uma mulher em cada cidade.</i> 6 pessoa indeterminada do sexo feminino: <i>Há uma mulher aí querendo falar com o senhor.</i> 7 aquela que apresenta os requisitos necessários para um determinado empreendimento, para um determinado encargo: <i>Josefa é uma mulher de negócios.</i> 8 aquela que reúne as qualidades e sentimentos femininos: <i>O rapaz sabia cuidar de uma criança como uma mulher.</i> 9 usado como vocativo ao se dirigir àquela com quem se fala: <i>Que é isso, mulher, não está me reconhecendo?.</i></p>

Fonte: Borba (2004).

Como visto anteriormente, o final do século XIX é marcado pelo desejo de contar uma história das mulheres, culminando, nos anos 1980, no entendimento da necessidade de estudar o gênero, uma vez que a história das mulheres está relacionada à história dos homens. Nesse sentido, observa-se uma memória desse conceito que atua sobre a significação de *mulher*, enunciada como *ser humano do sexo feminino [...] considerado como parcela da humanidade.* Sobre esse ponto, a escolha do exemplo de uso *A sociedade atual ainda discrimina a mulher* coloca em jogo as representações previamente discutidas, nas quais seu papel social se resumia a esposa ou prostituta, silenciando inúmeras outras possibilidades de

significação.

Na amostra, o *ethos* busca uma descrição *equilibrada* — ou ainda politicamente correta —, evitando tomar partido de um gênero como superior ou mais aberto a diferentes papéis sociais. Contudo, materializam-se, nessas representações, os preconceitos sobre sexualidade e o machismo ainda presentes na sociedade.

3.4 As representações em discussão

Como visto, as palavras representam o mundo em articulação com todo o contexto ideológico e hegemônico vigente. O *ethos* assumido pelo enunciador representa também um papel de acordo com suas possibilidades de dizer, no ambiente em que está inscrito. Desse modo, os textos são dependentes dos lugares onde emergem e também de sua função social. Por meio da análise dos verbetes de dicionários, foi possível perceber que o discurso, mesmo em um determinado período histórico — a Era Contemporânea —, pode revelar momentos distintos e perspectivas diversas sobre seus referentes. Nas amostras, observam-se, em cada século, mudanças sociais materializadas nos discursos, relacionadas não apenas a cada gênero em questão, que assume novos papéis sociais, mas também ao próprio poder ideológico e hegemônico, que possibilita ou suprime determinados modos de dizer.

A mobilização das funções do discurso — identitária, relacional e ideacional — permite compreender que o *gênero*, entendido aqui como *homem* e *mulher*, nos dicionários, vai construindo sua identidade social e sua relação com o mundo a partir da perspectiva e das significações de um enunciador historicamente localizado e ideologicamente marcado.

Os sentidos atribuídos a cada *gênero* são atravessados, em sua função ideológica e hegemônica, pelas condições de produção, circulação e consumo dos textos. Assim, fatores externos ao referente — e relacionados ao destinatário do texto (o leitor) — interferem na memória de sentidos e significações. O jogo da comunicação é, ao mesmo tempo, um jogo de poder. A escolha do sentido, isto é, do termo que se associa ao referente, não é aleatória.

O *homem*, no século XIX, representado como soldado ou operário; e a *mulher*, nos séculos XIX e XX, representada como esposa ou prostituta, não significava necessariamente que essas eram as únicas atividades que esses sujeitos podiam exercer, mas sim aquelas que interessavam ao poder ideológico transmitir. Exemplo disso é que o *homem* do século XIX podia ser também general, chefe, comerciante, professor etc., assim como a mulher, no mesmo período — ou mesmo antes dele —, já possuía certa liberdade para exercer

determinadas profissões. No entanto, essas possibilidades são apagadas. Ao leitor de um “*Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*” são oferecidas *pequenas inspirações*, diferentemente do que ocorre em obras como o Dicionário UNESP do Português Contemporâneo.

Há, por fim, nas representações dos *gêneros* nos dicionários analisados, uma clara interferência de ordem social e ideológica na escolha dos significados que se associam aos referentes — ou ainda na escolha dos sentidos relacionados à forma significante.

Para concluir, seguem as considerações finais e os desdobramentos deste estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, observou-se neste breve estudo que os dicionários são condicionados pela história e pela historicidade — isto é, pela conjuntura social, religiosa, política etc. Ao apresentarem as formas de uso de um termo da língua para uma comunidade, eles exibem também todo um contexto hegemônico no qual estão inseridos não apenas os falantes, mas também aqueles que produzem o produto terminológico.

A questão do gênero foi se desenvolvendo nos significados presentes nos dicionários analisados, permitindo concluir, de forma geral, que tanto homens quanto mulheres vêm adquirindo novos papéis sociais ao longo da história — embora isso ocorra em ritmos diferentes. Um exemplo disso é que as acepções atribuídas ao termo *mulher* no século XXI são significativamente mais amplas do que nos séculos anteriores, incluindo o reconhecimento de sua atuação profissional, ainda que preconceitos, machismo e sexismo ainda se manifestem textualmente.

As representações discutidas nos tópicos anteriores podem contribuir para a compreensão da circulação de sentidos sobre o *gênero*, assim como do movimento das práticas sociais, discursivas e textuais inerentes à construção da identidade por meio do discurso. Isso implica reconhecer que a história do *homem* e suas transformações sociais, tal como representadas nos dicionários, é tão marcada por ideologia quanto aquela que domina a história da mulher nesse gênero discursivo — o qual, nos casos analisados, não oferece resistência, já que é criado para assegurar a posse do poder hegemônico.

Por fim, acreditamos que esse trabalho seja relevante para a comunidade bibliotecária, pois revela como obras de referência tradicionalmente tidas como neutras — como os dicionários — são, na verdade, atravessadas por discursos ideológicos e representações

sociais historicamente situadas. Ao compreenderem as transformações nas definições dos termos *homem* e *mulher* ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, os profissionais da informação podem atuar de forma mais crítica na mediação do acesso ao conhecimento, reconhecendo os limites e implicações das fontes que organizam e disponibilizam. Isso amplia sua capacidade de promover práticas mais inclusivas, reflexivas e alinhadas com os princípios da biblioteconomia socialmente comprometida, sobretudo ao lidar com materiais de referência que ainda compõem acervos escolares e públicos, impactando a formação de leitores e cidadãos.

REFERÊNCIAS

BORBA, Francisco da Silva. (org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caros Calega: exclusão linguística e invisibilidade. **Discurso & Sociedad**, Buenos Aires, v. 1, n. 2, p. 230-246, 2007. Disponível em: <https://revistes.ua.es/dissoc/article/view/28258>. Acesso em: 30 dez. 2024.

DAMIN, Cristina Pimentel. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**. 2005. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5320/000468591.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 ago. 2025.

DICIONÁRIO. *In*: GRANDE enciclopédia Barsa. 3. ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

FOUCALT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Leituras Filosóficas).

LIMA, Hildebrando; BARROSO, Gustavo. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Bahia: Civilização brasileira, 1948.

MAGALHÃES, Izabel. Gênero e discurso no Brasil. **Discurso & Sociedad**, Buenos Aires, v. 3, n. 4, p. 714-737, 2009. Disponível em: <https://revistes.ua.es/dissoc/article/view/28519>. Acesso em: 30 dez. 2024.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirrée. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acesso em: 10 jan. 2025.

VERDELHO, Telmo. Dicionários: testemunho da memória linguística. *In*: BRITO, Ana Maria; FIGUEIREDO, Olívia; BARROS, Clara (org.). **Linguística histórica e história da língua portuguesa**: actas do encontro de homenagem a Maria Helena Paiva. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. p. 413-427.